

eduser

Sensibilidade intercultural: um estudo empírico com estudantes dos PALOP no ensino superior

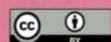
Intercultural sensitivity: an empirical study with PALOP students in higher education

ROSA NOVO, ANA PRADA

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.ipb.pt>

 **ipb** INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação



Sensibilidade intercultural: um estudo empírico com estudantes dos PALOP no ensino superior

Intercultural sensitivity: an empirical study with PALOP students in higher education

ROSA NOVO¹, ANA PRADA²

¹ Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, <https://orcid.org/0000-0001-8388-7740>, rnovo@ipb.pt

² Centro de Investigação em Educação Básica, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, <https://orcid.org/0000-0003-2290-3692>, raquelprada@ipb.pt

RESUMO: Este estudo, de natureza quantitativa, exploratório e transversal, teve como objetivo conhecer o nível de sensibilidade intercultural de estudantes provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa de uma instituição do ensino superior situada no norte e interior de Portugal. Participaram 76 estudantes, maioritariamente do sexo feminino (69,74%), dos quais 7,89% eram estudantes-trabalhadores, com uma média etária de 21,86 anos ($DP = 6,00$). Para a recolha de dados recorreu-se ao inquérito por questionário composto por questões sociodemográficas, bem como questões alusivas à frequência de interação com pessoas de outras culturas e ao domínio de outras línguas. Recorreu-se também à escala de Sensibilidade Intercultural. Os resultados evidenciaram níveis de sensibilidade intercultural médio-altos. De salientar ainda que os níveis de sensibilidade intercultural não diferiram em função do sexo e da idade dos estudantes, nem da frequência de interação com pessoas de outra cultura. Contudo, o domínio de outra língua foi um elemento diferenciador, sendo notório que, os estudantes que dominavam outra língua que não a materna, evidenciavam maiores níveis de sensibilidade intercultural, sentiam-se mais confiantes e estavam mais implicados na interação com pessoas de outras culturas. Num contexto de ensino superior cada vez mais multicultural, a sensibilidade intercultural é uma habilidade essencial. Ainda que os dados sugiram que o contacto com pessoas de outras culturas pode favorecer o desenvolvimento da sensibilidade intercultural, futuros estudos devem aprofundar e explorar como decorre esse contacto. Da discussão destes resultados emergem recomendações no sentido de promover o (re)conhecimento pluriétnico nos estabelecimentos do ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Sensibilidade intercultural; Mediação intercultural; Estudantes; Ensino superior.

ABSTRACT: This quantitative, exploratory, and cross-sectional study aimed to know the level of intercultural sensitivity of students from Portuguese-speaking African Countries of a higher education institution located in the north and interior of Portugal. A total of 76 students taken part, mostly female (69,74%), of which 7,89% were student-workers, with an average age of 21,86 years ($SD = 6,00$). Data was gathered through a survey composed of sociodemographic questions, and questions about the frequency of interaction with people from other cultures and the mastery of other languages. It also used the Intercultural Sensitivity scale. The results confirmed medium-high levels of intercultural sensitivity. It should also be noted that the levels of intercultural sensitivity didn't differ according to students' sex and age, nor with the frequency of interaction with people from another culture. However, mastering another language was a differentiating element. It was clear that students who mastered a language other than their mother tongue showed higher levels of intercultural sensitivity, felt more confident and were more involved in interacting with people from other cultures. In an increasingly multicultural higher education context, intercultural sensitivity is an essential skill. Although the data suggest that contact with people from other cultures can favor the development of intercultural sensitivity, future studies should deepen and explore how this contact takes place. From the discussion of the results achieved, recommendations appear to promote multi-ethnic recognition in higher education establishments.

KEYWORDS: Intercultural sensitivity; Intercultural mediation; Students; Higher education.

1. Introdução

No âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES) é cada vez mais visível a presença de pessoas de múltiplas culturas, línguas, geografias, religiões e identidades, assistindo-se ao desenvolvimento de contextos cada vez mais pluriétnicos e multiculturais.

O reconhecimento da mediação intercultural é imprescindível, sendo mesmo um dos pilares do educador social, pois permite não só desmistificar preconceitos subtis ou explícitos, mas também lidar abertamente com as diversidades através de uma atitude de implicação com o outro socioculturalmente diferente de si.

Neste contexto, o estudo que se apresenta emana do modelo de competência de comunicação intercultural de Chen e Starosta (1996, 1997, 2000). Partindo deste modelo têm sido realizados distintos estudos, centrados, sobretudo, no ensino básico e secundário (Lahoz i Ubach & Cordeu Cuccia, 2021; Sanhueza Henríquez & Cardona Moltó, 2009; Sanhueza Henríquez et al., 2012; Vilà Baños, 2006), e mais parcamente no âmbito do ensino superior (Arriaga-Arrizabalaga, 2013; De Santos, 2018; González-Martínez & Reyes-Lopez, 2019; Santander Ramirez et al., 2015).

Este estudo tem assim como principal objetivo conhecer o nível de sensibilidade intercultural de uma amostra de estudantes provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) de uma IES situada no norte e interior de Portugal.

Do ponto de vista da organização, este artigo estrutura-se em quatro partes: um breve enquadramento teórico sobre a mediação intercultural e o conceito de sensibilidade intercultural; seguindo-se uma revisão dos estudos empíricos com estudantes de IES. Depois explicitam-se os procedimentos metodológicos adotados. São ainda apresentados e discutidos os resultados e, por último, as considerações finais.

2. Mediação intercultural: a imprescindibilidade da sensibilidade intercultural

Desenvolver um clima positivo de convivência escolar baseado na apreciação positiva da diversidade e promover ações educativas interculturais é essencial, não só para a inclusão de estudantes estrangeiros, como de todos os estudantes. Neste contexto, a interculturalidade define as especificidades da mediação intercultural.

Mediar envolve a “construção de pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais” (Vieira & Vieira, 2017, p. 45). Requer criar, situações de encontro e de proximidade que, apesar do princípio ético da distância ótima, “permita garantir a conjugação equilibrada entre a racionalidade, sensibilidade e serenidade” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 93). Mediar não é sinónimo de tolerar, nem tão pouco se cinge a uma troca simples e superficial da alteridade. Mediar envolve uma escuta ativa e o entendimento de um outro que é diferente da própria pessoa, através de uma comunicação de implicação com o outro (Vieira & Vieira, 2017).

A pessoa responsável pela mediação necessita de ser sensível às matrizes culturais da outra pessoa permitindo, deste modo, uma maior aproximação ao seu campo de referência. Neste contexto, quem trabalha com pessoas culturalmente distintas necessita igualmente saber comunicar interculturalmente.

Adotando o modelo de Chen e Starosta (1996, 1997, 2000), a comunicação intercultural compreende um conjunto de habilidades congregadas em três dimensões, a saber: (i) a dimensão cognitiva que é representada pela consciência intercultural, (ii) a dimensão afetiva que pressupõe a sensibilidade intercultural e (iii) a dimensão comportamental associada à destreza intercultural. Apesar destas três dimensões estarem intimamente relacionadas, são, no entanto, concetualizadas pelos autores como construtos diferenciados.

No modelo de competências de comunicação intercultural de Chen e Starosta (1996, 1997, 2000), a sensibilidade intercultural representa a dimensão afetiva, relacionada com o desejo emocional de uma pessoa reconhecer, aceitar e desfrutar das diferenças culturais, implicando a capacidade de receber e emitir sinais emocionais positivos antes, durante e após uma interação intercultural. De acordo com Chen e Starosta (1997) a sensibilidade intercultural envolve “o desejo ativo de um indivíduo de se motivar para compreender, apreciar e aceitar as diferenças entre as culturas” (p.5). Para estes autores existem cinco componentes associados à sensibilidade intercultural, nomeadamente a implicação na interação, o respeito pelas diferenças culturais, a confiança desenvolvida, a satisfação e atenção ao outro, diferente de si.

A escala de Sensibilidade Intercultural (SI) de Chen e Starosta (2000) tem sido usada por diversos investigadores em realidades culturais distintas (Park, 2013; Peng, 2006; Tamam, 2010). Assim, torna-se útil

fazer uma breve incursão sobre os poucos estudos realizados no contexto do ensino superior, que utilizam este instrumento.

No contexto espanhol, Arriaga-Arrizabalaga (2013) analisou os níveis de sensibilidade intercultural, numa amostra composta por docentes ($n = 164$) e discentes ($n = 596$) de uma IES, cuja média etária era, respetivamente, 41,41 ($DP = 8,10$) e 26,19 anos ($DP = 7,78$). A maioria dos participantes eram nativos e referiu experiências de convivência com pessoas de outras culturas, o ter amigos e familiares que residiam no exterior e o participar em feiras, festivais ou exposições de outras culturas. Destacou-se deste estudo a existência de níveis de sensibilidade elevadas, bem como de atitudes positivas face a diferença e à interculturalidade.

Por sua vez, Santander Ramirez et al. (2015) avaliaram os níveis de sensibilidade intercultural numa amostra composta por 401 estudantes chilenos (186 do sexo masculino e 215 do sexo feminino) da área da gestão empresarial. A idade média dos participantes foi de 25 anos. Verificou-se a existência de níveis de sensibilidade médios. Também foi notório que os estudantes com maior vivência de experiências interculturais e contacto com professores de outros países apresentaram maiores níveis de sensibilidade intercultural. Os autores alertaram para uma atitude passiva dos estudantes, denotando-se interações superficiais com pessoas de outras culturas.

De Santos (2018) analisou a sensibilidade intercultural atendendo à experiência internacional em 280 estudantes universitários do quarto ano de três licenciaturas de uma IES espanhola. Comprovou-se a existência de níveis médios de sensibilidade intercultural, indicando uma atitude favorável face a pessoas de diferentes culturas, os quais não diferiram atendendo à licenciatura frequentada. Os estudantes com mais experiências, em interações individuais ou grupais, no próprio país ou através de um programa de mobilidade internacional, apresentaram maiores níveis de sensibilidade intercultural.

González-Martínez e Reyes-Lopez (2019) validaram a escala de sensibilidade intercultural numa amostra composta por 706 estudantes universitários (376 do sexo feminino e 330 do sexo masculino) de 12 províncias do Equador. Os resultados confirmaram a existência de bons níveis de sensibilidade intercultural. Não obstante, a dispersão das respostas em alguns itens reflete a superioridade cultural e a dificuldade dos estudantes em comunicarem com pessoas de outras culturas.

Globalmente, estas investigações corroboram a ideia de que os estudantes com maiores vivências de experiências interculturais evidenciam maiores níveis de sensibilidade intercultural.

Após esta incursão em torno dos estudos empíricos efetuados, passa-se à clarificação da metodologia adotada, elucidando-se o tipo de estudo desenvolvido, o instrumento de recolha de dados, os procedimentos e os aspetos éticos.

3. Metodologia

3.1. Tipo de estudo

Nesta investigação adotou-se uma metodologia de natureza quantitativa e exploratório. Trata-se ainda de um estudo transversal, cuja recolha de dados decorreu num único momento, no início do segundo semestre do ano letivo de 2021-2022.

3.2. Amostra

Foram convidados a participar os estudantes que cumprissem os seguintes critérios de inclusão: (i) ser estudante proveniente de PALOP de licenciatura no ano letivo de 2021-2022 da IES selecionada; e (ii) aceitar participar voluntariamente na investigação.

A amostra, não aleatória, é constituída por 76 estudantes, maioritariamente do sexo feminino (69,74%), com uma média etária de 21,86 anos ($DP = 6,00$). De referir ainda que todos são solteiros e 7,89% são estudantes-trabalhadores/as. Estes estudantes são provenientes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, nomeadamente, de São Tomé e Príncipe (42,11%), Guiné (35,53%) e Cabo-Verde (22,37%), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes (n=76).*

		<i>n</i> (%)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	Mínimo	Máximo
Sexo	Masculino	23 (30,26%)			
	Feminino	53 (69,74%)			
Idade			21,86 (6,00)	18	54
Estado Civil	Solteiro	76 (100%)			
Nacionalidade	Caboverdiana	17 (22,37%)			
	Guineense	27 (35,53%)			
	Santomense	32 (42,11%)			
Situação profissional	Estudante	70 (92,11%)			
	Trabalhador-estudante	6 (7,89%)			

Nota: *n*, número; %, percentagem; *M*, Média; *DP*, Desvio padrão

3.3. Instrumento de recolha de dados

Para a recolha de dados foi elaborado um inquérito por questionário composto por cinco questões fechadas referentes à caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes (sexo, idade, estado civil, nacionalidade e situação profissional).

Integraram-se ainda três questões alusivas à frequência de interação com pessoas de outras culturas - na escola, com vizinhos e amigos – numa escala composta por quatro opções que variaram de 0 (Nunca) a 4 (Diariamente).

Foi ainda utilizada a escala SI de Chen e Starosta (2000), traduzida para a língua portuguesa por Gonçalves (2010), tendo em consideração a proposta de Vilà (2005). A escala SI inclui 24 itens, respondidos numa escala tipo Likert de 1 (Totalmente em desacordo) a 5 (Totalmente de acordo). Estes itens organizam-se atendendo aos seguintes fatores: I - Implicação na interação (7 itens; e.g., “Quando converso com uma pessoa de outra cultura, procuro mostrar-lhe que a compreendo dando pistas através da linguagem verbal ou não verbal”); II - Respeito pelas Diferenças Culturais (6 itens; e.g., “Respeito as maneiras de comportar das diferentes culturas”); III - Confiança na interação (5 itens; e.g., “Quando me relaciono com pessoas de culturas diferentes sinto-me bastante confiante.”); IV - Satisfação na interação (3 itens; e.g., “Sinto-me frequentemente inútil quando sociabilizo com pessoas de outras culturas.”); e V - Atenção na interação (3 itens; e.g., “Tento obter o máximo de informações que posso ao interagir com pessoas de culturas diferentes.”). Importa também mencionar que a pontuação total mínima que se pode obter na escala é de 24 pontos (correspondente a uma atitude desfavorável face à sensibilidade intercultural) e a máxima é de 120 pontos (indicando uma atitude muito favorável).

3.4. Procedimentos e considerações éticas

Após autorização formal da IES, os estudantes foram convidados a participar neste estudo, tendo sido esclarecidos sobre os objetivos e os procedimentos inerentes à sua participação voluntária, bem como garantida a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Foram acautelados todos princípios éticos em vigor, quer na recolha, como no tratamento e na análise dos dados.

A recolha de dados decorreu durante os meses de fevereiro a abril de 2022, em contexto de sala de aula, através da ferramenta *Google Forms*.

Para tratamento dos dados utilizou-se o *IBM SPSS Statistics*, versão 25. Recorreu-se à estatística descritiva e inferencial. Optou-se pelo uso de testes não paramétricos, nomeadamente, o teste de *Mann-Whitney* e o teste de *Kruskal-Wallis*. Foram ainda calculadas correlações não paramétricas de *Spearman*, consagrando um valor fraco quando $0 < r_s < ,30$; moderado quando $,40 < r_s < ,60$, e forte quando $,70 < r_s < 1,0$ (Dancey & Reidy, 2006). Considerou-se um nível de significância de 5% para a tomada de decisão quanto à análise inferencial.

A consistência interna da escala SI foi avaliada com recurso ao *Alfa de Cronbach*, sendo valor de 0,87, considerado como muito adequado (Maroco & Garcia-Marques, 2006), e próximo do valor da escala original de Chen e Starosta (2000). O mesmo se verificou relativamente aos fatores I- Implicação na interação ($\alpha = 0,75$), II- Respeito pelas Diferenças Culturais ($\alpha = 0,60$), III-Confiança na interação ($\alpha = 0,69$), IV- Satisfação na Interação ($\alpha = 0,64$) e V- Atenção na interação ($\alpha = 0,70$).

4. Apresentação e discussão dos resultados

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, primeiro tece-se uma análise global dos níveis de sensibilidade intercultural da amostra, seguindo-se uma análise dos níveis de sensibilidade intercultural em função das características dos participantes (como o sexo e a idade), da frequência de contacto com pessoas de outras culturas e do domínio de outra língua, que não a materna.

4.1. Sensibilidade intercultural na amostra

A escala SI inclui cinco fatores, cujos valores médios oscilam de 3,99 a 4,29, situando-se, portanto, acima do valor médio teórico de 3.

Tal como se apresenta na Tabela 2 o valor médio da escala foi de 97,23 ($DP = 13,34$). Estes resultados demonstram um nível médio-alto de sensibilidade intercultural, indo ao encontro de estudos realizados com estudantes do ensino superior (Arriaga-Arrizabalaga, 2013; De Santos, 2018).

É ainda de sublinhar que, os estudantes pontuaram mais no fator II - Respeito pelas diferenças culturais ($M = 4,29$; $DP = 0,68$), seguindo-se os fatores V- Atenção na interação ($M = 4,13$; $DP = 0,74$), I- Implicação na interação ($M = 4,09$; $DP = 0,64$), IV -Satisfação na interação ($M = 3,99$; $DP = 0,93$) e III- Confiança na interação ($M = 3,70$; $DP = 0,79$).

Tabela 2

Valores médios, mínimo e máximo e desvio padrão por fator e na pontuação global da escala SI.

	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V	Escala Global
Média	4,09	4,29	3,70	3,99	4,13	97,23
Desvio padrão	0,64	0,68	0,79	0,93	0,74	13,34
Mínimo	2,29	2,67	1,60	2,00	1,67	53,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	119,00

Nota: Fator I, Implicação na interação; Fator II, Respeito pelas Diferenças Culturais; Fator III, Confiança na interação; Fator IV, Satisfação na Interação; Fator V, Atenção na interação.

4.2. Sensibilidade intercultural atendendo ao sexo dos participantes

A análise comparativa dos níveis de sensibilidade intercultural dos estudantes atendendo ao sexo foi realizada através do *Teste de Mann-Whitney*, não sendo evidentes diferenças estatisticamente significativas nas pontuações médias na escala SI e nos fatores que a integram (*vide* Tabela 3). O sexo não é um elemento diferenciador dos níveis de sensibilidade dos participantes deste estudo.

Tabela 3

Pontuações médias na escala SI e nos fatores que a integram, atendendo ao sexo dos participantes.

	Sexo masculino		Sexo feminino		<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Fator I	4,09	0,75	4,09	0,60	0,820
Fator II	4,32	0,77	4,28	0,64	0,494
Fator III	3,79	0,85	3,66	0,78	0,654
Fator IV	3,99	1,03	3,99	0,90	0,787
Fator V	4,07	0,93	4,16	0,65	0,941
Escala Global	97,65	16,66	97,08	11,80	0,494

Nota: Fator I, Implicação na interação; Fator II, Respeito pelas Diferenças Culturais; Fator III, Confiança na interação; Fator IV, Satisfação na Interação; Fator V, Atenção na interação; *M*, Média; *DP*, Desvio Padrão; *p*, valor de prova.

4.3. Sensibilidade intercultural atendendo à idade dos participantes

De seguida analisa-se a associação entre a idade dos participantes e o nível de sensibilidade intercultural. Através do coeficiente de correlação de *Spearman* não se encontram associações estatisticamente significativas entre a idade e os níveis globais de sensibilidade intercultural e nos fatores que compõem a escala (*vide* Tabela 4).

Tabela 4

Correlação entre a idade dos/as participantes e a sensibilidade global e nos fatores que compõem a escala.

	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V	Escala Global
Idade	0,008	-0,089	0,118	-0,036	-0,098	-0,041
<i>p</i>	0,943	0,445	0,311	0,761	0,401	0,726

Nota: Fator I, Implicação na interação; Fator II, Respeito pelas Diferenças Culturais; Fator III, Confiança na interação; Fator IV, Satisfação na Interação; Fator V, Atenção na interação; *p*, valor de prova.

4.4. Sensibilidade intercultural atendendo à frequência de contacto com pessoas de outras culturas

Procedeu-se igualmente à análise dos níveis de sensibilidade intercultural dos estudantes, em função da frequência de interações com pessoas de outras culturas. Como se apresenta na Tabela 5, 52,53% ($n = 40$) refere interagir diária ou quase diariamente com pessoas vizinhas de outras culturas. Em igual percentagem (17,11%; $n = 13$) surge a ausência de contacto e o contacto de pelo menos uma vez por semana. Cabe ainda mencionar que 7,89% ($n = 6$) refere um contacto pelo menos uma vez por ano e 5,26% ($n = 4$) pelo menos uma vez por mês.

Relativamente ao contacto com pessoas de outras culturas é no espaço escolar que é referida a maior frequência, sobretudo, de um modo diário ou quase diário (71,05%; $n = 54$). Em menor percentagem surge o contacto pelo menos uma vez por semana (19,74%; $n=15$) e pelo menos uma vez por mês (3,95%; $n = 3$). Em igual frequência (2,63%; $n = 2$) surge a ausência de contacto e o contacto pelo menos uma vez por ano.

No que diz respeito ao conviver com a diversidade cultural no grupo de amigos, um espaço de maior intimidade, a maioria dos participantes (65,79%; $n = 50$) refere contactar diária ou quase diariamente, seguindo-se as interações pelo menos uma vez por semana (14,47%; $n = 11$), pelo menos uma vez por mês (7,89%; $n = 6$), nunca (6,58%; $n = 5$) e pelo menos uma vez por ano (5,26%; $n = 4$).

Globalmente estes dados indicam que o contacto diário ou quase diário com pessoas de outras culturas ocorre, essencialmente, no contexto escolar, seguindo-se o grupo de amigos e com vizinhos.

Tabela 5

Frequência e percentagem de contacto com pessoas de outras culturas.

Espaço de convivência		Frequência de contacto				
		Nunca	Anualmente	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente
Na vizinhança	Frequência	13	4	4	13	40
	Percentagem	17,11%	5,26%	5,26%	17,11%	52,53%
Na escola	Frequência	2	2	3	15	54
	Percentagem	2,63%	2,63%	3,95%	19,74%	71,05%
No grupo de amigos	Frequência	5	4	6	11	50
	Percentagem	6,58%	5,26%	7,89%	14,47%	65,79%

Recorrendo ao teste *Kruskal-Wallis* analisam-se os níveis de sensibilidade intercultural da amostra, atendendo à frequência de interação com pessoas de outra cultura. Como se indica na Tabela 6, não existem diferenças estatisticamente significativas na pontuação global de sensibilidade intercultural e nos fatores que integram a escala SI em função da frequência de interação com pessoas de outras culturas na vizinhança, no contexto escolar e no grupo de amigos.

A frequência de contacto não surge como um elemento diferenciador da sensibilidade intercultural. Para uma melhor compreensão destes resultados, para além da frequência de contacto com pessoas de outras culturas em função dos contextos de convivência seria relevante considerar como decorre esse contacto, de

forma a compreender se este é realizado de um modo mais intencional e consciente ou de um modo acidental e superficial.

Tabela 6

Sensibilidade intercultural atendendo à frequência de interação com pessoas de outra cultura.

		Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V	Escala Global
		<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Na vizinhança	Nunca	3,65 (1,91)	3,67 (0,94)	3,70 (1,84)	4,17 (1,18)	4,00 (1,41)	90,50 (36,06)
	Anualmente	3,36 (0,10)	4,33 (0,00)	3,20 (1,13)	3,84 (0,23)	4,17 (0,71)	89,50 (3,54)
	Mensalmente	4,43 (0,51)	4,67 (0,44)	4,40 (0,53)	4,11 (0,77)	4,55 (0,39)	107,00 (10,82)
	Semanalmente	4,04 (0,53)	4,24 (0,66)	3,29 (0,89)	4,00 (0,91)	4,09 (0,75)	94,47 (12,60)
	Diariamente	4,13 (0,63)	4,30 (0,70)	3,80 (0,97)	3,98 (0,97)	4,12 (0,75)	98,02 (12,99)
	<i>p</i>	0,347	0,614	0,097	0,994	0,914	0,419
Na escola	Nunca	3,65 (1,91)	3,67 (0,94)	3,70 (1,84)	4,17 (1,18)	4,00 (1,41)	90,50 (36,06)
	Anualmente	3,36 (0,10)	4,33 (0,00)	3,20 (1,13)	3,84 (0,23)	4,17 (0,71)	89,50 (3,54)
	Mensalmente	4,43 (0,51)	4,67 (0,44)	4,40 (0,53)	4,11 (0,77)	4,55 (0,39)	107,00 (10,82)
	Semanalmente	4,04 (0,53)	4,24 (0,66)	3,29 (0,89)	4,00 (0,91)	4,09 (0,75)	94,47 (12,60)
	Diariamente	4,13 (0,63)	4,30 (0,70)	3,80 (0,97)	3,98 (0,97)	4,12 (0,75)	98,02 (12,99)
	<i>p</i>	0,347	0,614	0,097	0,994	0,914	0,419
No grupo de amigos/as	Nunca	3,65 (1,91)	3,67 (0,94)	3,70 (1,84)	4,17 (1,18)	4,00 (1,41)	90,50 (36,06)
	Anualmente	3,36 (0,10)	4,33 (0,00)	3,20 (1,13)	3,84 (0,23)	4,17 (0,71)	89,50 (3,54)
	Mensalmente	4,43 (0,51)	4,67 (0,44)	4,40 (0,53)	4,11 (0,77)	4,55 (0,39)	107,00 (10,82)
	Semanalmente	4,04 (0,53)	4,24 (0,66)	3,29 (0,89)	4,00 (0,91)	4,09 (0,75)	94,47 (12,60)
	Diariamente	4,13 (0,63)	4,30 (0,70)	3,80 (0,97)	3,98 (0,97)	4,12 (0,75)	98,02 (12,99)
	<i>p</i>	0,347	0,614	0,097	0,994	0,914	0,419

Nota: Fator I, Implicação na interação; Fator II, Respeito pelas Diferenças Culturais; Fator III, Confiança na interação; Fator IV, Satisfação na Interação; Fator V, Atenção na interação; *M*, Média; *DP*, Desvio Padrão; *p*, valor de prova.

4.5. Sensibilidade intercultural atendendo ao domínio de outra língua, que não a materna

Na Tabela 7 apresentam-se os níveis médios de sensibilidade intercultural atendendo ao domínio de outra língua que não a língua materna, bem como os valores de prova do teste *Mann-Whitney*. Apenas existem diferenças estatisticamente significativas na pontuação global da escala ($U= 481,000$, $p = ,026$) e nos fatores I - Implicação na interação ($U= 499,000$, $p = ,042$) e III-Confiança na interação ($U= 475,500$, $p = ,021$).

Os estudantes com domínio de outra língua, comparativamente com aqueles que não dominam outra língua que não a materna, denotam maiores níveis de sensibilidade intercultural, estando mais implicados na interação com pessoas de outras culturas e sentem mais confiança na interação estabelecida. Este aspeto é corroborado no estudo de Ruiz-Bernardo (2012). Este dado parece evidenciar a importância de atender à

diversidade linguística dos estudantes, sendo a língua um meio de comunicação essencial no relacionamento com pessoas de outras culturas.

Tabela 7

Comparação da sensibilidade intercultural atendendo ao domínio de outra língua que não a materna.

		Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V	Escala Global
		M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Domínio de outra língua	Não	3,95 (0,55)	4,19 (0,63)	3,48 (0,82)	3,93 (0,86)	3,98 (0,63)	93,90 (11,98)
	Sim	4,18 (0,68)	4,35 (0,70)	3,85 (0,75)	4,03 (0,98)	4,23 (0,80)	99,43 (11,85)
	<i>p</i>	0,042*	0,093	0,021*	0,538	0,051	0,026*

Nota: Fator I, Implicação na interação; Fator II, Respeito pelas diferenças culturais; Fator III, Confiança na interação; Fator IV, Satisfação na interação; Fator V, Atenção na interação; M, Média; DP, Desvio Padrão; *p*, valor de prova; * - Significativo a 5%

5. Considerações finais

Esta investigação, realizada numa amostra de conveniência com estudantes PALOP, evidencia a existência de níveis de sensibilidade intercultural relativamente elevados, indo ao encontro dos resultados de outros estudos (Arriaga-Arrizabalaga, 2013; De Santos, 2018).

Importa igualmente salientar que os níveis de sensibilidade não diferem em função do sexo, nem da idade dos estudantes. Também não variam em função da frequência de contacto com pessoas de outras culturas nas relações de vizinhança, no contexto escolar e nas relações de amizade. Não obstante, o domínio de outra língua que não a materna é um elemento diferenciador, sendo notório que os estudantes com domínio de outra língua, comparativamente com aqueles que não a dominam, demonstram maiores níveis de sensibilidade intercultural, estando mais confiantes e implicados na interação com pessoas de outras culturas. Dado o papel da aprendizagem da proficiência linguística na comunicação interpessoal, há que enfatizar a necessidade de se prestar atenção ao não domínio da língua necessária que apoie a diversidade presente no contexto educativo. Apesar de ser uma condição necessária, mas não suficiente, o domínio da língua é merecedor de reflexão e não deverá ser descurado por cada estabelecimento de ensino superior. Além disso, dado que o diálogo intercultural não se limita à coexistência com pessoas de outras culturas, é ainda de atender às particularidades culturais, sem descurar as questões relativas ao poder, às estruturas institucionais e práticas culturais.

Considera-se, portanto, da responsabilidade das IES o combate a eventuais visões estereotipadas e a estimulação do reconhecimento da diversidade cultural sem perder de vista os aspetos análogos e as convergências. É fulcral contemplar tempos e espaços que estimulem o (re)conhecimento pluriétnico dos estabelecimentos do ensino superior.

Em consonância com a literatura revista (Olson & Kroeger, 2001; Williams, 2005), denota-se deste estudo que o contacto com pessoas de outras culturas pode favorecer o desenvolvimento da sensibilidade intercultural. Não obstante, futuros estudos devem aprofundar e explorar como decorre esse contacto.

Apesar do potencial contributo deste estudo, este não se encontra isento de limitações. O estudo contempla uma amostra de pequenas dimensões e relativo a estudantes de uma IES selecionada e, por conseguinte, devem evitar-se generalizações. Em futuras investigações seria igualmente interessante considerar-se uma amostra representativa do universo estudantil, bem como incluir a perspetiva da classe docente para a análise da sensibilidade intercultural.

Referências

Arriaga-Arrizabalaga, A. (2013). Indicadores de sensibilidade intercultural en el aula universitaria: Datos preliminares sobre una muestra de estudiantes y profesores en la Universidad Europea de Madrid. Em M.C. Cardona-Moltó, E. Chiner-Sanz, & A.V. Giner-Gomis (Eds.), *Actas del XVI Congreso Nacional / II Internacional Modelos de Investigación Educativa de la Asociación Interuniversitaria de Investigación Pedagógica (AIDIPE): Investigación e Innovación Educativa al Servicio de Instituciones y Comunidades Globales, Plurales y Diversas* (pp. 896-904). AIDIPE.

Carvalho, A. D., & Baptista, I. (2004). *Educação social: Fundamentos e estratégias*. Porto Editora.

- Chen, G. M., & Starosta, W. J. (1996). Intercultural communication competence: A synthesis. *Communication Yearbook*, 19, 353-383. <https://doi.org/10.1080/23808985.1996.11678935>
- Chen, G. M., & Starosta, W. J. (1997). A review of the concept of intercultural sensitivity. *Human Communication*, 1, 1-16. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED408634.pdf>
- Chen, G. M., & Starosta, W. J. (1998). *Foundations of intercultural communication*. University Press of America.
- Chen, G. M., & Starosta, W. J. (2000). The development and validation of the intercultural sensitivity scale. *Human Communication*, 3, 1-15. <https://doi.org/10.1037/t61546-000>
- Dancey, C. & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: Utilizando SPSS para Windows*. Artmed.
- De Santos, F. J. (2018). La Interculturalidad como competencia en educación superior: Validación de un instrumento con alumnado universitario. *Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria*, 12(2), 220-236. <https://dx.doi.org/10.19083/ridu.2018.729>
- Gonçalves, S. (2010). *Acolher e ensinar estudantes internacionais*. Escola Superior de Educação de Coimbra.
- González-Martínez, E., & Reyes-Lopez, C. (2019). Validation of intercultural sensitivity scale in Ecuadorian undergraduates (University students). Conference Paper 17th LACCEI International Multi-Conference for Engineering, Education, and Technology: "Industry, Innovation, and Infrastructure for Sustainable Cities and Communities". DOI: <http://dx.doi.org/10.18687/LACCEI2019.1.1.162>
- Lahoz i Ubach, S., & Cordeu Cuccia, C. (2021). Sensibilidad intercultural, clima escolar y contacto intergrupar en adolescentes de escuelas municipales de la Región Metropolitana de Santiago de Chile. *Revista de Investigación Educativa*, 39(1), 131-147. <http://dx.doi.org/10.6018/rie.415921>
- Olson, C., & Kroeger, K. R. (2001). Global competency and intercultural sensitivity. *Journal of Studies in International Education*, 5(2), 116-137. <https://doi.org/10.1177/102831530152003>
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do Alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.
- Park, J. (2013). Multicultural experience and intercultural sensitivity among South Korean adolescents. *Multicultural Education Review*, 5(2), 108-138. <https://doi.org/10.1080/2005615x.2013.11102904>
- Peng, S. Y. (2006). A comparative perspective of intercultural sensitivity between college students and multinational employees in China. *Multicultural Perspectives*, 8(3), 38-43. https://doi.org/10.1207/s15327892mcp0803_7
- Ruiz-Bernardo, M. P. (2012). *Validación de un instrumento para el estudio de la sensibilidad intercultural en la provincia de Castellón*. [Tese de doutoramento]. Universitat Jaume. <http://hdl.handle.net/10803/83300>
- Sanhueza Henríquez, S. V., & Cardona Moltó, M. C. (2009). Evaluación de la sensibilidad intercultural en alumnado de educación primaria escolarizado en aulas culturalmente diversas. *Revista de Investigación Educativa*, 27(1), 247-262. <https://revistas.um.es/rie/article/view/94391>
- Sanhueza Henríquez, S., Cardona Moltó, C., & Friz Carrillo, M. (2012). La sensibilidad intercultural en el alumnado de educación primaria y secundaria de la provincia de Alicante. *Perfiles Educativos [online]*, 34 (136), 8-22. https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0185-26982012000200002&script=sci_abstract&tlng=pt
- Santander Ramirez, V., García Pérez, L., & Sanhueza Henriquez, S. (2015). La sensibilidad intercultural en estudiantes de las titulaciones de contador público e ingeniería comercial en Chile. Em AIDIPE (Ed.), *Investigar con y para la sociedad* (Vol. 1, pp. 501-511). Bubok.
- Tamam, E. (2010). Examining Chen and Starosta's model of intercultural sensitivity in a multiracial collectivistic country. *Journal of Intercultural Communication Research*, 39 (3), 173-183. <https://doi.org/10.1080/17475759.2010.534860>
- Vieira, N., & Vieira R. (2016). *Pedagogia social, mediação intercultural e (trans)formações*. Profedições.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2017). Construindo pontes e travessias: Das mediações sociais à mediação intercultural. *Mediações Revista Online*, 5 (1), 44-56. <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/150>
- Vilà Baños, R. (2006). La dimensión afectiva de la competencia comunicativa intercultural en la educación secundaria obligatoria: Escala de sensibilidad intercultural. *Revista de Investigación Educativa*, 24(2), 353-372. <https://revistas.um.es/rie/article/view/96891>
- Vilà, R. (2005). *La competência comunicativa intercultural. Un estudio en el primer ciclo de la ESO* [Tese de doutoramento]. Universidad de Barcelona. <http://hdl.handle.net/2445/42453>
- Williams, T. R. (2005). Exploring the impact of study abroad on students' intercultural communication skills: Adaptability and sensitivity. *Journal of Studies in International Education*, 9(4), 356-371. <https://doi.org/10.1177/1028315305277681>